

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 24 de Novembro-1927

5 TOSTOIS

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

79

sempre

five semanário humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Gago Coutinho no Vaticano

(ou a fala ao Papa recolhida ao papo)



— Não julgue Vossa Santidade que, por eu ser «Gago», levo trez horas a lêr o discurso...



Os ditos da semana



Ao protesto de alguns dos mais ilustres cidadãos portugueses contra a criminosa manobra do Porto da Beira, respondeu a Companhia de Moçambique, quasi com piedosa complacencia e com o ar olimpico de quem chama estupidos aos outros:

—Vocês são muito boas pessoas, mas são tambem umas crianças ingenuas. Deixaram-se enganar como donzelas podibundas, perante uma promessa de casamento. Vocês não conhecem nada destes assuntos. Vocês não tem intelligencia para compreender estas transcendentales questões, e só nós é que estamos no segredo dos deuses. Perdoai-lhes senhor Libert Oury, que eles não sabem o que dizem.

O *Sempre Fixe* tem, porém, uma opinião diferente. Quando tantos portugueses se puzeram de acôrdo, sem se dividirem em grupos ou facções, vindos embora dos campos mais opostos, das orientações politicas mais diversas, é porque alguma coisa ha que os liga de maneira indestructivel.

Tenha paciencia a Companhia de Moçambique. A Companhia percebe muito do Porto da Beira, mas não percebe nada destes segredos da alma nacional.

E' alma até Antonio José d'Almeida.



Uma nova postura municipal prohibe que se ornamente a frontaria dos predios, com galinaceos e outras animais mais ou menos domesticos.

Já se não permite que as vacas pastem sobre os telhados, nem que cada qual tenha á janela um Jardim Zoologico para seu uso privado.

A Camara Municipal declarou guerra de morte á criação, desde que impoz mandado de despejo aos pardais da Praça dos Restauradores, deitando abaixo as arvores onde eles habitavam, tal qual como qualquer senhorio birrento, que destelha o predio para se vêr livre dos inquilinos. Embirram os ilustres municipales com a bicharia e já não se contentam com perseguil-a nos seus dominios. Entram em casa do cidadão e gritam-lhes descarovelmente:

—Matem lá o bicho.

Mas, porque não é totalmente destituída de sentimentos piedosos, e a pedido da Protectora dos Animas, a Camara Municipal abre uma honrosa excepção para os passaros de estimação, permitindo que esses, e só esses, se espanjem á frente dos predios. A' frente, só passaros de estimação,...

Esqueceu-se, porém, a postura municipal de definir o que são passaros de estima-

ção, de modo que fica a gente sem saber onde ha de colocar o passaro—se atraz, se adiante.

Os passaros bisnaus e os passarões de bico amarelo, que enxameiam a cidade e não se sabe se são de essimação, continuarão a debruçar-se das janelas das frontarias, como até aqui, porque desses não fala a postura. Emfim, desigualdades que não se comprehendem dentro de um regimen democratico. Demais a mais a Camara Municipal ainda não deu o exemplo no seu predio.



Um engenheiro americano conseguiu construir o homem artificial, movido a electricidade, para substituir o homem verdadeiro em certos misteres perigosos ou julgados vexatorios da especie humana. Parece que o mundo se assombrou com a descoberta, como se o mundo ignorasse que já tinhamos a mu-



—Como o mundo se civilisa! Já não é preciso perguntar nada aos policcias. Os caminhos estão todos indicados.

lher electrica. O que os jornais não dizem é se o mesmo engenheiro trabalha agora na construcção da mulher-macaca.

Se assim fôr, e, se invertidos os papeis, o homem passar a ser electrico e a mulher passar a ser macaca, o mundo continuará a girar nos seus eixos, como dantes, apenas com a diferença de se terem alterado as funções dos sexos. A mulher irá para o Jardim Zoologico e o homem para o Bom Successo.

E, quando o fabrico electrico da humanidade se tiver industrializado e generalizado tanto como os antigos processos inventados á sombra da macieira paradisiaca pelo engenheiro sr. Adão e sua illustre assistente D. Eva Primitiva, teremos a ventura perpetua sobre a terra.

Os homens e as mulheres serão fabricadas com perfeições que a civilização e a sciencia nunca conseguiram realizar, e seremos todos iguais, todos bonitos, todos inteligentes, todos bons, todos valentes e feitos por medida. Nunca mais haverá poltrões que se assustem com as salvas dos navios de guerra, nem com os tiros de retórica dos politicos mais ou menos á paisana, porque a gente passa a ser como os automoveis que, quando se lhes parte uma peça, uma mola, um parafuso, não ha mais que substituil-os, maravilha que até hoje ainda se não tinha conseguido.

Infelizmente que, desde o principio do mundo, tudo isso se fazia já, mas só por atacado.



A Papelaria da Moda enviou-nos alguns horarios da linha de Cascais, que muito agradecemos.

HUMORISMO GALEGO

O humorismo galego nada tem de comum com o espirito madrileno ou a graça sevilhana. Wenceslao Fernandez Flórez e Francisco Camba, os dois maiores expoentes do humorismo galego, estão mais próximos do «humour» britânico ou norte-americano que de Castela e Andaluzia.

E se quizermos descobrir-lhes influencias, encontraremos facilmente as sugestões produzidas pela leitura de Eça de Queiroz, um mestre que em toda a Espanha, e em Galiza especialmente, tem criado estilo e discipulos.

Se Camba cultiva de preferencia o paradoxo, Wenceslao recreia-se tratando tipos raros de neurastenicos, maniacos e amadurosos.

Specimen do humorismo de Camba é aquele disparate do homem que educou um peixe a viver fóra do agua e, quando já o tinha completamente educado, teve a desgraça de que o peixe lhe caísse á agua, morrendo... afogado.

Tipo dum maníaco de Wenceslao encontra-se perfeitamente no D. Hermogenes da novela «Minha mulher», da qual aqui se publicou um trecho. E' dele o seguinte detalhe:

Fomos andando até á estação do caminho de ferro.

—Meu amigo—exclamou de repente acaba de nascer em mim uma suspeita.

—Espectorava-a — grunhi laconicamente.

—Trabalha-se hoje nas repartições de Estado?

—Sim.

—Então o senhor...

—Quê?

—Como pode faltar aos seus deveres?

Encolhi os ombros.

—Não tem importancia, D. Hermogenes.

—Tem muita importancia—decretou detendo-se—e mais tendo sido eu quem o fez cair na tentação da falta. E' evidente que o Estado lhe paga para que trabalhe e não para que cace.

—Certamente, mas um dia...

—Quo diria o senhor se o Estado lhe suprimisse um dia do ordenado? Não o toleraria com essa indiferença. Devemos velar pela prosperidade da Nação e não saquear o seu orario. O seu dinheiro é o dinheiro de todos nós. Ha um unico meio para que o senhor me possa acompanhar decorosamente, Reinaldo.

—Qual é?

—Quanto ganha no seu emprego?

—Quarenta e dois duros mensais.

—Sete pesetas diarias, não é isso?

—Exactamente.

—Pois indemnise o Estado das sete pesetas do hoje.

E fez-me entrar numa loja e comprar sete pesetas de sólos.

Perez la chaise.

GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da

A unica que possui melhores acomodações a preços reduzidos

Venda de oleos, gasolina e accessorios

Officinas para todas as reparações

Rua Visconde de Santarem, G. G. U.

(ao Anco do Cego) Tel. 994 N.



—Ah! sim, quando chegares a Paris, bojar-te-hão o presidente Doumergue, Foch, Poincaré...

—Mas, olha lá, então em França acabaram-se as mulheres?

PROPOSITOS DE BOM-HUMOR A' BERRY

Um aniversario

São passados dois meses depois que a encantadora monina Felisbertasinha—hoje madama Bom Carneiro dos Santos—realizou o seu casamento com esse André Lopes Bom Carneiro dos Santos, reputado agente de titulos de renda publica e vitalicia da nossa praça. Para festejar tão feliz aniversario—esses sessenta dias haviam completado para o caso os dez meses a virem—D. Felisberta estrepou uma meia *toilette*—a outra metade havia ficado no armazem por gosto da costureira—côr de rosa vermelha, a côr predilecta do senhor seu marido. Tambem arranjou com as suas proprias mãos,—para mostrar que a lindosa delas não era só obra da *manucure*—um pudim dos que já veem da mercearia aos pacotes, já feitos. Além disso, pôs na mesa um ramo de flôres. Mas o sr. Bom Carneiro dos Santos, ao voltar dos seus negocios, não

prestou a menor atenção á *toilette*, nem vendo como ela se tinha preparado para o receber. Morrendo de fome, o apetite era de carnes passadas.

—Felisbertasinha—e era assim que ele lhe chamava, nas semanas em que tudo tambem acompanhava a lua em seu crescente—estava desoladissima. Parecia ser ela quem vinha de tratar com os homens de negocios. Nunca calculara tal.

Os homens! os homens! Antes de daíem o nó, são uns modelos no genero de enlaçar: prendem só com caricias, saltando de si todos os cuidados. Deixam antevêr uma vida de doçuras. Depois...

André, sem duvida, não deixara ainda de se assinalar pelas suas façanhas amorosas, mas, enfim,—não é verdade?...—na vida não ha só enlaçamentos. Ha muito mais, sem laços!

—Meu queridinho, adoro-te, e tu tambem me amas?

—Mas sim, não tenhas duvida, Felisbertasinha... Olha, não reparaste ainda que o segundo botão do meu sobretudo está por um fio! Porque não me dáeste, em vez de cromo de pécego, umas barriguinhas de freira? Não podias ter pedido a receita á tua mãe!

A consternação de madama Felisberta estava como o crescente em pómas de gatinha assanhadinha.

E esse nome de Felisbertasinha, ape-

sar do ditoso prefixo e do sufixo, sôa desagradavelmente, burguêsmente, á doçura dos seus ouvidos sem a cêra.

Porque motivo André não lhe chama mais, como outr'ora, «tainha do meu pensamento celestial» ou «Meu doce amor celestial»?

—André, peço-te... ouve-me um minuto.

O respeitavel sr. Bom Carneiro dos Santos deteve-se um minuto na rampa do seu apelido.

—Oh André, não te recordas como o céu era azul e a brisa perfumada no dia em que nos casámos?

—Era, era, sem duvida, Felisbertasinha. Olha, já prenderam a mulher da coca em meias... Os generos tornam a subir de preço...

—Meu queridinho, não te lembras como estavas comovido?

—E' bem achado mais este concurso de enigmas modernos dos nomes



dólos... Qual o nome dum tubarão da familia dos scylliomonides? Ha três dias que o procuro. Por mais que faça, não o acho na letra da praça...

A boa madama Bom Carneiro dos Santos estava no auge do desespero. Pois era lá possível que este marido tão indiferente, á cata de oviparos, seja a mesma pessoa das anteriores semanas? Ele, que parecia tão sincero, bem mais franco que todos os outros rivais, o Tiago da Conceição e o Nuno Miralhões! Tanto assim que, na noite em que lhe declarou o seu amor, estava tão perturbado que até as lagrimas lhe caíam constantemente pelas faces abaixo. Fóra esse sinal indiscutível de real comocão que levava a menina Felisbertasinha a escolhê-lo para marido, entre todos os que por ela suspiravam nos *trôtes* do gramofone...

—E' um stigmatismo, diz André, parecendo num outro mundo. Só me resta achar um imperador que comece por T e o apunhe uma duzia de contos de automovel... Felisbertasinha... prepara-me um cháinho de borragem. Estou com uma destas cargas de respeito... uma constinação e pêras... Não vês como os olhos estão a pingar, a pingar como no dia do nosso casamento... E eu, então, estava muito atrapalhado, pois não tinha lenço para me limpar...

José PARREIRA.



—O retrato de minha filha está pronto?
—Estou a acabá-lo: falta só dar-lhe um banho.
—Ah! isso não é preciso: ella tinha tomado banho nesse dia.



Apesar das duvidas que sugere a minha competencia a algumas gentílimas leitoras cinéfilas... e desocupadas, não fallaram os prognosticos da semana passada. Valencino, o *tau do bluff*...—perdião: isso era a fita do Odéon—chamou ao Tivoli uma multidão ultra-chique. A sala, transformada em templo da moda e do amor sem esperança, era pequenina para conter todos os suspiros *snobs* das alfacinhas valentinófilas. No Odéon, *O Circo do Diabo*, norma (Shearer)... *Jizou* o equilibrio das enchentes—porque aquilo, com a M. G. M. á perna, não é cinema: é um *cinema*... Só a Norma é que foi de *out* para o hospital...

No Olympia, *O Gigante de Aço* não era o Thomas Meighan, que é de carne e osso; gostámos tanto que nos apeteceu fazer a delicada oferta:—O' Meighan, não *thomas* nada?...

Apenas o Eduardo Romero não era *luso-italiano*, mas sim *alido-francês-espanhol*. Mas eu, quanto a botânica, estou por aqui...

Mas esta semana não vale augurar, porque já não tem graça. Vejamos e creiamos como São Tomé... e Príncipe.

Já ninguém diz que vai ao Tivoli:—diz que vai a Berlim. Walther Ruttmann, não sei lá porque *pos's de Berlim bim bim*, fez uma coisa a que chamou *Sinfonia duma capital*, que, se dizer dos entendidos,—entre as quais se conta o meu colega do papá—*Diário de Lisboa*, meu irmão gêmeo e homónimo,—é... *qualquer coisa!*

Quanto a mim, estou decidido a lá voltar, mas de óculos pretos, com um frasquinho de sais e uma dose de *Romantico*, para reconfortar. Tive a sensação de que as casas de Berlim me caíam em cima das meninges, e, se não fosse a *dura mater*, saía de lá bastante amachucado. No lugar do tradutor, teria intitulado o filme: *Uma grandissima bebedeira em Berlim ou Como se vem as estrélas*.

Bem mais *sinfronica*, bom mais *capital*... e coisas é *Uma Mulher Moderna*, tradução literal de *Madame Neval piz d'enfants*, do celebre *Clemente Vitela*, pai do *Padre-Cura* o, portanto, sogro da D. Luiza Satanela. E' a historia duma *madama* com a *corda* (Maria) toda, casada com um *cásinho* e possuidora dum marido de luxo, que é obrigado a andar de pau... e *corda* (Alexander) e que dá pelo nome le Harry Liedtke. Esse *senhor* tem tido agora um grande consumo, pois se exhibe no Tivoli, no Olympia (*Nas Margens do Danúbio*) e no Central (*A Iha dos Sonhos*).

O *Politeama* está num *inferno*, como *Doltes*. E' uma *super-gigante* (*etc*) da Fox...terrier, com o Ralph Lewis a fingir que não tem cara de boa pessoa, todo enfrontado na leitura do grande poema do Julio Dantas Alighieri.

Gostamos imonso do Vergilio com a corôa de louros á banda, como o Vergilio... Miranda; do Dante epilético e com cara de rei da *gracia amarela*, *envolto num roupão*... que o diabo *amassou* só para entalar o Henry Otto.

Não ha nada que pague a precisão dos nús... artisticos, rivais da Léa Nioko... á vela; as almas a fazerem ginástica succa e a fazerem das suas no caldeirão, apesar de nao terem tomado o óleo de ricino do *purgatório*. Não sabia que o Inferno se parecia tanto com certas praias *gman'cas*... Aqui muito para nós, a fita é boa; mas lá tam boa como as gravuras do Doré... isso tambem eu *Gustave*...

No Odéon vai uma torrencial carga de agua que ameaça afogar as múseas encarragadas da decoração dos *maples*. Em que é que se parece Greta Garbo, em *A Torrente*, com um burro?... Por que *R...*ardos como... Com a dovida vénia, não sabemos o que mais admirar na grande posta de bacalhau sueco: se o apelido, se o primeiro nome... Que o diga o Cortés na scena n.º 96... *Um Grande Amor* tem por protagonista uma *elefantística* «Norma», que em nada se parece com a Dita Shearer. Aquilo não é um elefante: é uma *carraça*... Onde pode levar a *elefantasia* dos *enseñadores!*...

Retardador.



Jantar de galinha

Procopio era um guloso de galinha, como muitas outras pessoas o são de lagosta e de muitos e variados petiscos.

Quando um jantar não tivesse galinha cozinhada de qualquer maneira, não era jantar e passava a ser para ele—grande galinha.

Um dia foi convidado para jantar por madame de X., senhora ancien regime, muito conhecida pelas suas excentricidades, que fuma charuto e joga a espada como mademoiselle de Maupin, e Procopio alvorçou-se só com a ideia de que naturalmente ia comer galinha.

Ao jantar, comou pouca sopa e pouco peixe, para guardar o apetite para o seu prato predilecto. A certa altura, estremece de prazer quando ouve a criada perguntar:

—Minha senhora, quere que traga já a galinha?

—Não, continue a servir o jantar!...

Vão vindo os pratos e nada de galinha, ainda que a criada, ao fim de cada um, faça a pergunta acerca da vinda do galinaceo. Vem o assado e a dona da casa manda vir o doce...

Procopio pensa que é galinha em doce, piteu que não conhecia, e delira de prazer.

Vem a fruta e nada de galinha. No fim do jantar, pergunta a criada mais uma vez:

—Quere que traga agora a galinha, minha senhora?

E enquanto Procopio faz conjecturas sobre a maneira como virá a galinha, a criada traz uma viva debaixo do braço...

—Tacha a galinha—diz madame de X.—em cima da mesa, para comer as migalhas...

Sorpresas grandes?

75 - Rua de S. Paulo - 77

PROBLEMAS NACIONAIS

Três milhões de microbios por centimetro cubico de agua!

As entrevistas estão na ordem do dia—para nós da semana. Foi esta a razão que nos levou a procurar o nosso amigo Aniceto Esteves, que os leitores já conhecem e que ha uns tempos a esta parte se começou interessando pelos graves aspectos da crise nacional, procurando as mais racionais soluções para ella. Data da sua primeira crise domestica—para a qual nunca conseguiu encontrar solução—a sua resolução de procurar resolutivamente resolver as crises dos outros.

D'ahi por diante tem sido um nunca acabar de projectos, alvitros e soluções.

Dirigimo-nos, pois, á rua dos Bacalhoeiros, onde está instalada a sua repartição de sécos e molhados, indo encontra-lo olhando fixamente para um copo contendo um liquido turvo, que a principio não distinguimos bem o que seria, mas que ele nos indicou ser agua.

—Então o que te trás por cá?
—Vinha entrevistar-te para o *Sempre Fixe*. Sei que tens para as crises actuaes algumas soluções...

—Vens a proposito. Agora estava eu estudando nesta solução de agua e microbios a dita do problema da dita... Segundo as ultimas estatisticas, apurou-se que, em cada centimetro cubico de agua, existiam três milhões de microbios, fóra os que se encontram na inactividade. Aqui está uma fonte...

—Aonde tens tu a fonte? O meu contador já se desabitou das suas funções e agora nem pingal Poderias deixar-me vir aqui encher umas biltinhas...

—Qual historia, homem. A agua que tenho neste copo tive de ir buscá-la aos lagos do Rossio. A fonte de que falo é uma fonte de receita.

—?!

—Sim. Vou explicar por intermedio do teu jornal, á Companhia das Aguas, ao publico, á Camara e ao Governo a minha solução para este momentoso problema. Como sabes, ha uma vacina contra a febre tifoide, preparada, segundo a lei de osimilia similibus, com os proprios transmissores da dolesta. E' aqui que está a fonte...

—Aonde?!...

—Nos microbios. A Companhia passaria a chamar-se: Companhia «MCR-TE», que são as iniciais de Companhia Microbiana Olissiponense Regula-

dora dos Tifos, Etc., e, em vez de vender aos moradores de Lisboa os microbios dissolvidos na agua, passaria a vendê-los em comprimidos de vacina, para todo o orbe terraqueo. Pesaria sensivelmente na balança exportadora, do que resutaria a valorização do escudo e, consequentemente, a reconstituição economica do país. E' uma riqueza ao abandono o estarem a vender cada 300.000.000 de microbios, que correspondem a um metro cubico de agua, a 1\$30!

—E com que é que se lavariam depois os grêlos e as demais hortaliças? E as nossas guelas como se refrescariam? Lembra-te de que ha quem costume tomar banho aos domingos. O que substituiria a agua do Alviela?...

—A agua do Luso, Caneças ou Sintra, que a Companhia forneceria absolutamente de graça, pois os rendimentos da industria bem poderiam fazer face a isso.

—Mas, não havendo agua com microbios, e sendo estes fornecidos em comprimidos de vacina contra eles mesmo, acabaria a doença e, por consequente, o negocio...

—Merceu o meu cuidado e estudo esse caso. Mas já resolvi. De vez em quando, a Companhia faria a «Semana do Alviela ou Microbiana», estabelecendo assim o moto-continuo que permitiria a continuação do negocio. Além de todas estas vantagens, ficaria a crise do desemprego em parte solucionada. Calcula tu quante pessoal seria preciso para extrair três milhões de microbios em cada centimetro cubico de agua!...

—Sim, Aniceto, eu concordo contigo. Mas bem vês que isso iria prejudicar a nossa classe. Solucionado o problema da agua, com que e que se haviam de preencher as colunas dedicadas ao exame desse assunto. Nunca mais se poderiam chamar nomes á Companhia, nem ao sr. Carlos Pereira! Arranja-me solução para isto. Aniceto.

—Ora! Para dizer mais, poderiam aventar a hipotese da falsificação dos microbios. E ainda poderiam encher algumas colunas de elogios a minha pessoa por ter solucionado o problema, não contando com aquelas que gastariam em registar donativos para fundição dum bronze que me perpetuasse a memoria!

Xico Ximenes.

Elevador da Gloria

A verdadeira mulher já não existe. Sei dum marido que, de manhã para a noite, encontrara de tal maneira modificada a sua cara metade que a sujeitou a demoradas constatações psicologicas, fisiologicas e antropometricas.

De manhã, a mulher tinha sessenta anos, uma linguagem decente, vestidos de cauda, cabeleira forte—era completamente, honestamente estúpida. A' noite, quando chegara, encontrara uma joven resplandecente de carmins, com a saia por cima do joelho, o cabelo por cima do pescoço e a lingua por cima da moral—inteligente, fina, superficial e caprichosa.

Em poucas horas, arranjara dois flirts; obtivera uma condecoração para o marido e contratara-se, no teatro, como figura de primeira grandeza microscopica...

O marido só teve um remedio. Desistiu da esposa e fez-se celibatario. Agora entretém-se a observar o que vai neste mundo e no outro, sem perdas nem damas conjugais...

Outro exemplo interessante de marido pouco maleavel ás circunstancias modernistas do seculo. A esposa dèste é doutora em leis. Aplica o codigo em casa a proposito de tudo e de nada. Se o marido se demora na rua, castiga-o com a abstinencia—jejum completo em todos os pratos e acepipes. Se emite alguma opinião republicana, toca-lhe a pavana, fazendo depois de Maria da Fonte. Interroga-o e leva-o a confissões inverosimeis—em que o pobre marido, timido e casto, passa por conquistador perigoso, perdulario com direito a interdição, revolucionario em vale de lençois.

—Mas porque não te defendes? Porque não te separas?—preguntam-lhe os amigos.

—Não posso! Se intento o divorcio, sou condenado por elemento perigoso á sociedade; se me defendo, ella tira-me todas as liberdades, até mesmo a de ser marido, como toda a gente...

Madrigais mal correspondidos



ELE:—E' extraordinario, ter o prazer de encontrar a primavera num dia de outono.

ELA:—Ainda é mais extraordinario encontrar os animais a falar...



ELE:—Minha senhora, siga-a como um cãesinho humilde e rastejante.

ELA:—Humilde e rastejante, mas sempre vai ladrando.

BOM HUMOR

Ela:—Leste? Uma infanticida e um fraticida absolvidos. Assim... quem é que poderão condenar agora?
Ele:—Alguns jurados!

* * *

A visita:—Em que local é que esteve no norte?

O viajante:—Não me recordo; a minha mulher é que compra sempre os bilhetes...

* * *

O policia:— Não pode estar aqui deitado na rua. Não vê que está inundada...

O bêbado:— Estou sonhando... que atravesso o Tejo a nado...

* * *

A patrão:— Já serviu em casas grandes...

A criada:— Já sim, minha senhora! Todas tinham mais de dozo diviões...

* * *

Joãozinho:— Mãe, vamos ver os malabaristas japoneses?

Alicia:— Para quê, se não comprehendes o japonês...

* * *

O benemerito:— Ontem dei-lhe uma osmola porque me disse que era manco. Hoje aparece-me de novo a pedir, dizendo que é cego...

O pedinte:— Creio que estou no meu direito de ampliar o negocio...

* * *

Na camisaria:
O freguês:— Um colarinho de 37 para o meu pai.

O empregado:— Como o meu?
O freguês:— Não, um pouco mais limpo...

* * *

A senhora, ao proprietario da casa que acaba de ver:— Mas porque não quere o senhor alugar-me a casa? Não tenho filhos, nem gato, nem cão, nem gramofone...

— Mas, minha senhora, o seu marido é muito velho... Não quero mortos cá no predio...

* * *

Entre amigas:
— Maria faz segredo do seu casamento...
— Como o sabes?
— Foi ela quem m'o disse...

CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magnificos almoços á Francaza JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife á Chic

(especialidade)

Explendido café

Escolhida frequencia



— Não grites mais, querido. Já nos vamos embora.

A influencia dos Barbosas

(Subsidios para a historia do teatro)

As bezigas — dizem — são a doença que mais alastra sobre a nossa pele. E' muito natural que assim seja mas, quando eu tive bezigas, era tão pequenino que de tal não me lembro. Talvez, por terem sido doidas, eu hoje lhe sofra as consequências...

A's vezes, para distrair as mágnas, ataca-me a beziga, ataques com os quais quasi endoideço...

Resulta, por tal, levar para a beziga muitos assuntos que outros tratam a sério e, assim, rindo dentro de uma dupla personalidade, dou margem a desopilar o figado das bilis que se me formam d'ariamente por ver aquilo que nunca previi...

Eu, Barbosa de nascença, comecei a escrever para o teatro o a interessar-me por ele desde muito novo. Julguei, um dia, que ia empunhar o sceptro unico do apelido quando, no Gimnasio, vi como autor um outro Barbosa! Era o Guilherme Barbosa!

— Mais um, disse eu comigo. Paciencia!

E ficámos dois.
Mais tarde, no Mundo, em bela companhia, conheci um outro Barbosa e disse comigo:

— Este tem valor e é bom camarada.

Dahi, Alberto Barbosa juntou-se ao José Barbosa, que por sinal, nesse tempo, era Junior.

Os sucessos teatraes iam marcando á medida dos nossos desejos. Já eramos três Barbosas.

Uma noite, ao entrar na estação do Rossio, quando ia a chegar o rapido, apanhei um grande abraço de um amigo, ao mesmo tempo que estranhava não me ter visto no Porto, onde eu tinha tido um autentico sucesso.

— Homem, eu não escrevi nada para o Porto.

— Não estejas a brincar, disse-me o amigo, trago aqui o Janeiro com a critica. Olha...

O successo era do Carvalho Barbosa! E vão quatro!

Tempos depois, um amigo meu, mal humorado pelos comentarios politicos

de certa revista do ano, encontra-me na rua e diz-me:

— O menino, olha que aquilo seria uma peça se não tivesses lá posto aquela borracheira do numero tal. Vai-te despir e vai escrever revistas para o raio que te parta!

— Mas escuta lá...

— Não oiço nada; vai para o inferno!

Desta vez, a peça era do meu intelligente e querido colega, doublé de musico distinto, Ascensão Barbosa, do Porto.

E vão cinco!

Para terminar esta historia, eu, além de ser, ainda, escritor teatral, tenho uma arte muito minha: faço bonecos de cera! E a fazer cera a valer, como qualquer empregado publico, vou ganhando a minha vida. Creio mesmo que, pela minha paciencia, sou o unico ceroplasta no genero, o que faz com que o comercio que geralmente tem figuras nas montras me chame o Barbosa das Bonecas...

Vinha eu a (aminh) de casa e zai! um grande abraço, uma duzia de parabens e logo:

— Barbosa, os bonecos estão muito bem feitos; os fatos são muito bonitos!

— O' filho, os figurinos e a direcção artistica do guarda-roupa não são meus... são do meu rapaz.

— Então esse José Barbosa que está no cartaz?

— Não sou eu! Eu sou aquele que foi Junior e já não é. E sabes porquê?...

— E então, esses bonecos, esses figurinos?...

— São do meu filho José Barbosa, dum que agora devia ser Jun'or... percebes?

— Ah!

E vão seis!

E ora aqui está como o teatro tem hoje seis Barbosas, sendo cinco brancos e um tinto! sim, porque o Alberto é preto...

O primeiro dos Barbosas

José Junior.



— Perdi o chapéu! Agora a minha mulher vai dizer que bebi de mais...

Bric-á-Brac

Um plagiario

Dão por certo e verdadeiro Ter s' do entregue á justiça Aquele senhor bombeiro Que incendiou no Barreiro Quaisquer vagons de cortiça. E lembro, ao ver no Diario Como esse tipo é ruim, Que um bombeiro incendiario E' caso extraordinario, Mas não é novo p'ra mim. Pois qualquer triste romeiro, Que pelo mundo peregrina, Se fór ao Rio de Janeiro, Não encontra um só bombeiro Que não use carabina.. Não defendo um homem tal, Nem sequer lhe faço o jogo, Mas não é original; Vi no Brasil, por sinal, Bombeiros a fazer fogo...

João Fernandes.

SECÇÃO DE ANUNCIOS

QUEIJO

DO BOM. Largo da Graça, 235.

CASAMENTO

MENINA de educação antiga, sentimental, poetica e escrofulosa deseja consorciar-se com cavalheiro de pus... e... são. Resposta por carta a A. B.

CAMAFEU

MAE aflita, lutando com dificuldades, vende, entre outras joias, o camafeu da filha em bom estado de conservação. Carta ao n.º 326.

AS SENHORAS

TODA a senhora chic deve pôr «Rimel» nos olhos.

BIGODE

BONITO e em bom estado de conservação vende o Alfredo Candido. Carta a este semanario.

CAVALHEIRO

FARTO de sofrer, pede a Deus seja servido levar a sogra á sua Divina presença. Carta a J. A.

CASACO

DE COIRO ainda em bom estado. Rua Luciano Cordeiro, 669.

PRETO

DE MEIA idade, oferece-se para trabalhar em camara escura. Resposta a A. X.

PRECISAM-SE

BROCHANTES para caiar as telas dos cafés do «Brasileira» e «Chiado».

CASA

ALUGA-SE com boa vista no Arco do Cego.



O alfaiate:—Hoje pagou o senhor a conta ao meu colega e a mim me deve dois fatos ha um ano.

O freguês:— Quem disse ao senhor que o meu nome era tal? Não me confundiu com o outro lunardiador?...

Salomão Saude

Salomão Saude, assim que abandonou o liceu, foi frequentar a Escola da Arte de Representar, no louvável intuito de suplantar em talento o actor José Alves da Cunha. A sua



mania pelo teatro desgostou a família e em especial o pai, conhecido construtor civil, que muitas vezes, ao ver o filho fazendo esgaras defronte do guarda-vestidos, dizia para a esposa que o rapaz tinha o último andar em obras.

Um dia, o Saudo, inesperadamente, abandonou a ideia do teatro e pediu ao pai capital para se estabelecer. Satisfeito o seu desejo, montou no Bairro Alto uma loja de vidros e loiças e, durante os primeiros meses, provou que, se como actor era incapaz de quebrar um prato, como comerciante desperdiçava diariamente uma meia dúzia daqueles objectos.

Os meses decorreram, o rapaz foi fazendo negocio e ao mesmo tempo travando conhecimento com todas aquelas senhoras que, no Bairro Alto, fazem parte da alta sociedade.

Em resumo: sendo baixo, fez-se um homem ás alturas! Tendo uma certa vaidade nos seus dotes vocais, nos momentos em que não tinha freguesia, cantava a *Tosca*, o que entusiasmava bastante o droguista em frente que, não tocando nada de opera, afirmava ser ele possuidor duma vez de *tomor* a atirar para marítimo!

O facto de manter com a vizinhança feminina amistosas relações, provocou-lhe inúmeras relações, pois no fim dum ano de árduo trabalho, a casa não deu lucros em consequência de varios calotes com que elas remuneravam as suas qualidades de D. Juan.

E Saude (que ironia!) começou a sentir-se doente e a sofrer da mania da perseguição. A mãe, alarmada com o caso, conferenciou com o esposo e este foi de opinião que o filho necessitava de novos alicerces, uma limpeza interior e a *agua furtada* do telhado. A esposa concordou com ele e convenceu-se que aquilo era resultado duma abundancia de telha. O rapaz, sentindo-se pior, foi á Policlínica da rua da Prata consultar um especialista de doenças montais. Foi atendido pelo dr. Fernando Ilharco que, como todos os colegas da sua especialidade quando lhe apparece um doente, viu logo tratar com um doido varrido.

O dr. Ilharco pediu para Saude se sentar, ao que ele não anniu, alegando estar muito bem de pé.

Depois de muito instado, acedou e, quando o medico o mandou despir, Salomão Saude observou-lhe que não estava na Escola da Arte de Repre-

sentar. E' que o infeliz, quando interpretava qualquer comedia, como não tinha graça, estava acostumado a ouvir mandarem-no despir.

Assim que Salomão se apresentou como veio ao mundo, o illustre Esculapio principiou por lhe fazer cocogas nos pés e acabou por lhe dar pancadinhas nos joelhos, pelo que o Saudo ria a bandeiras despregadas e dava gritinhos como qualquer menina atacada de historismo. Esta attitude acabou por convencer o medico da sua loucura.

Seguiu-se o interrogatorio, ao qual Salomão respondeu assim:

O seu bisavô morreu de morte natural, tão natural que faleceu na terra da sua naturalidade com a idade de noventa e cinco anos, dois meses e oito dias. A sua bisavó morreu do sarampo, quasi á nascença, isto é, 22 anos depois de ter sido dada á luz.

Seu avô, director duma importante Companhia de ar solido, detestava os liquidos, mas fora atacado duma paixão gazosa pela filha do proprietario

duma fabrica de gazozas e pirolitos. Morreu em consequência duma formidável tarefa por motivo de anunciar nos jornais que vendia carne de baleia pescada nas costas de Portugal (encantador país que tem as costas largas para todas as intrujices...), quando afinal a carne era de cachalote!

Sua avó, não podendo resistir á perda do esposo, faleceu quaranta e sete anos depois, devorada por uma baleia, no dizer dos jornais, e por um cachalote segundo opinião dos entendidos.

Seu pai, não tendo desarranjo algum, embora tivesse o seu *arranjinho*, gostava de arranjar plantas e a sua especialidade era a de plantas de edificios, todos eles muito conhecidos por desabarem quinze dias depois do seu acabamento. Fez uma planta que provocou successo colossal em todo o mundo... familiar: uma pia de cozinha que servia tambem para lavatorio. Para tal bastava destruir a pia e substitui-la por um lavatorio.

Sua mãe era uma senhora perfeita-

mente normal e tão normal que fora professora da Escola Normal no tempo em que os tachos de esmalte eram de barro, as chitas de algodão eram



CALÇADA DA GLORIA



de seda e os garfos de aluminium eram de ferro Alves Passarinho, e vivia em perfeita normalidade do genio com o esposo.

E enquanto o doutor temava estes apontamentos e interrogava, Salomão Saude prosseguia.

Detestava o alcool porque um dia, por engano, ingerira, duma garrafa que supunha conter agua do Vidago do Poço do Borratem, uns três decilitros de alcool desnaturalado. Salvou-se milagrosamente depois de ter engulido uma torcida e transformado a sua boca em lamparina. Desde esse fatídico dia, para tirar da boca o mau gosto do alcool, só bebe aguardente de bagaço.

Caíra diversas vezes. Quando tinha dois anos, desequilibrou-se da janela duma agua-furtada, mas não passou do telhado. Aos dez anos, na provincia, caiu num poço já seco e com a profundidade de metro e meio.

Quando atingiu dezoito anos, caiu na patética de roubar um cigarro ao pai, tendo apanhado para o seu *tabaco*. Dessa idade em diante, as quedas foram successivas e com tendencias a nunca mais findarem. Ultimamente, caíra na imbecilidade de se apaixonar por todas as vizinhas e de vender-lhes tudo a fiado. Só em facas afiadas perdera mais de quinhentos escudos!

E quando, finalmente, caíra em si, encontrou-se sem vizinhas, em dinheiro e com os parafusos cerebrais algo lassos!

O dr. Fernando Ilharco, que tudo ouvira e tirara os respectivos apontamentos, olhando com piedade para o pobre Saude, disse-lhe:

«—Meu amigo: O seu caso é sério, muito sério mesmo. Para o curar é necessario muito tratamento e muita persistencia. Mas console-se. Como o meu amigo, andam á solta, segundo foi pacientemente averiguado pelo dr. Cebola, oito mil loucos. A sua cura, porém, será certa se trespassar a loja de vidros e montar algumas do sola. E logo que monte a primeira, oito dias depois appareça cá pelo consultorio!»

E tendo seguido este conselho, oito dias depois, Salomão Saude estava completamente curado, pelo que deu entrada no cemiterio do Alto de S. João...

Reiix.

— Para que está a senhora a enfiar a cabeça pela janela do ascensor?

— E' que só lá dentro é que não chove.

Velhas gaitadeiras



— Vê lá quando acabas de lèr essa «Garçonne», que eu já não tenho nada que lèr.

— Isto não é leitura para a sua idade, mamã. Leia antes o «Menino da mata e o seu cão piloto».



— Lá vai a vizinha do beco com o cabelo cortado à «Garçonne». Meu marido já me disse que, se eu cortasse o cabelo como ela, me dava uma tarefa mestra.

A bolsa é a vida...



— Já te disse que não quero que me chames Gaspar. Chama-me simplesmente Par.

— Para quê?

— Para não me gastares o Gas.



— Mas você dantes não era cego?

— Era sim, senhor, mas tive de abrir os olhos para não me impingirem todos os dias tanto dinheiro falso...